UNIVERSIDADE LIVRE

"INSTRUIR É CONSTRUIR"
Victor Hugo.

ALGUNS DOS MAIS BELLOS TRÊCHOS DA OBRA DO EPICO PORTUGUEZ

LUIZ DE CAMÕES

X—VI—MCMXIII

Luiz de Camões é um dos mais notaveis poetas do seculo XVI.

A sua obra está brilhantemente representada nos generos epico, lirico e dramatico.

No genero lirico distingue-se pelos sonetos elegias, canções, eclogas, odes, etc., em que com a sua pujante imaginação êle por vezes, num só verso, nos descreve toda a complexidade dos sentimentos humanos — a ternura, o entusiasmo, o desespero, — toda a paixão, toda a vida emfim.

Como dramaturgo, seria um dos mais notaveis, se uma feliz orientação o não fizesse o epico português, por excelencia.

Como epico, porem, Camões imortaliza na sua epopeia «Os Luziadas» a historia gloriosa dos portuguêses no Oriente.

Nesta epopeia sente-se latejar o espirito aventuroso dos descobrimentos maritimos, o genio audacioso dos velhos portuguêses do seculo XVI, tão depressa armados para as refregas de combate como rendidos duma ternura amorosa.

Camões faz resuscitar os vultos lendarios da historia portuguêsa, com um tal sentimento como se deles fôra comtemporaneo, narra as acções cavalheirescas dos herois portuguêses, retrata admiravelmente os perfis mais opostos, quer seja o do *fiel Egas* que

> Determina de dar a doce vida
> A troco da palavra mal comprida

quer seja o da loira Inês, que compara á «linda moça Polixena» é «á bonina cortada antes de tempo.»

Bem merece, pois, da sua patria o homem que aliou ao seu genio poetico de primeira grandeza, o mais ardente amor pela sua terra, por quem tanto sofreu, expondo êle—O Principe dos Poetas—como ao cognominaram, a sua vida preciosa, com o mesmo desassombro do mais obscuro soldado.

INVOCAÇÃO

(CANTO I)

I

As armas, e os Barões assignalados,
Que da occidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana;
Em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana;
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

II

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia andaram devastando:
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

III

Cessem do sabio Grego, e do Troiano
As navegações grandes, que fizeram;
Calle-se de Alexandro, e de Trajano
A fama das victorias, que tiveram;
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antiga canta;
Que outro valor mais alto se alevanta.

IV

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente:
Dai-me agora um som alto, e sublimado,
Um estylo grandiloquo, e corrente;
Porque de vossas aguas Phebo ordene,
Que não tenham inveja ás de Hipprocrene.

V

Dai-me uma furia grande, e sonorosa,
E não de agreste avena, ou frauta ruda;
Mas de tuba canora, e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda:
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe, e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

EGAS MONIZ

(CANTO III)

XXXVII

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei Castelhano já aguardava,
Que o Principe a seu mando submettido,
Lhe desse a obediencia que espereva:
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que d'elle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida:

XXXVIII

E com seus filhos, e mulher se parte
A alevantar com elles a fiança,
Descalços, e despidos, de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança.
Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis aqui venho offerecido
A te pagar co'a vida o promettido.

XXXIX

Vês aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado, e da consorte;
Se a peitos generosos, e excellentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes;
N'ellas só exprimenta toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estylo
De Scinis, e do touro de Perillo.

XL

Qual diante do algoz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta; e já entregado
Espera pelo golpe tão temido;
Tal diante do Principe indignado
Egas estava a tudo offerecido:
Mas o Rei, vendo a estranha lealdade,
Mais pôde emfim, que a ira, a piedade.

BATALHA DE OURIQUE

(CANTO III)

XLIV

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama;
Todos exp'rimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama:
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a famosa e forte dama,
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Thermodonte já gostaram.

XLV

A matutina luz serena, e fria
As estrellas do pollo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Affonso, o animava.
Elle adorando quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflamado, assi gritava:
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi, que creio o que podeis!

XLVI

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflamados, levantavam
Por seu rei natural este excellente
Principe, que do peito tanto amavam:
E diante do exercito potente
Dos imigos, gritando o ceo tocavam,
Dizendo em alta voz: «Real, Real,
Por Affonso alto Rei de Portugal».

....
....

L

D'esta arte o Mouro attonito, e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa;
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa.
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa:
Uns cahem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

LI

Alli se vêm encontros temerosos,
Para se desfazer uma alta serra,
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra:

Golpes se dão medonhos, e forçosos,
Por toda a parte andava accesa a guerra:
Mas o de Luso, arnez, couraça, e malha
Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

....
....
....
....
....

IGNEZ DE CASTRO

(CANTO III)

CXVIII

Passada esta tão prospera victoria,
Tornando Affonso á Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste, e digno de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceo da miseria, e mesquinha,
Que depois de ser morta foi Rainha.

....

CXX

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo o doce fruito,
N'aquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas
O nome, que no peito escripto tinhas.

CXXI

Do teu principe alli te respondiam
As lembranças, que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam:
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

....

CXXIV

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido á piedade;
Mas o povo com falsas, e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes, e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa, e saudade
Do seu Principe, e filhos que deixava,
Que, mais que a propria morte, a magoava:

CXXV

Para o céo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos,
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos:
E depois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãi temia,
Para o avô cruel assi dizia:

CXXVI

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãe de Nino já mostraram,
E co'os irmãos, que Roma edificaram:

CXXVII

Oh tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano é matar uma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencel-a)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura d'ella:
Mova-te a piedade sua, e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

....
....
....
....

BATALHA DE ALJUBARROTA

(CANTO IV)

XXVIII

Deo signal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
Ouvio-o o monte Artabro, e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso;
Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana;
Correo ao mar o Tejo duvidoso:
E as mãis, que o som terribil escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

XXIX

Quantos rostos alli se vêm sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo;
Que nos perigos grandes o temor
É maior muitas vezes que o perigo;
E se o não é, parece-o; que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir que é perda grande e rara
Dos membros corporaes, da vida cara.

XXX

Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
Uns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganhal-a:
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assignala:
Derriba, e encontra, e a terra emfim semea
Dos que a tanto desejam, sendo alhea.

XXXI

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros voam:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles soam:
Espedaçam-se as lanças: e as frequentes
Quedas co'as duras armas tudo atroam:
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

XXXII

Eis alli seus irmãos contra elle vão;
Caso feo e cruel! Mas não se espanta,
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a Patria se alevanta;
D'estes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes: caso estranho!
Quaes nas guerras civis de Julio e Magno.

. . . .

. . . .

XXXVI

Sentio Joanne a affronta, que passava
Nuno; que, como sabio capitão,
Tudo corria, e via, e a todos dava
Com presença e palavras, coração
Qual parida leôa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentio que, emquanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massylia lh'os furtara:

XXXVII

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete Irmãos atroa, e abala:
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala.
Oh fortes companheiros, oh subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII

Vedes-me aqui Rei vosso, e companheiro
Que entre as lanças, e settas. e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro:
Pelejai, verdadeiros Portuguezes.
Isto disse o magnanimo guerreiro;
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira, e d'este unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.

. . . .

. . . .

XLII

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas;
A multidão da gente, que perece,
Tem as flores da propria côr mudadas:
Já as costas dão, e as vidas; já fallece
O furor, e sobejam as lançadas:
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê, e de seu proposito mudado.

XLIII

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida:
Seguem-n'o os que ficaram; e o temor
Lhes dá não pés, mas azas á fugida:
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra, e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo.

XLIV

Alguns vão maldizendo, e blasphemando
Do primeiro, que guerra fez no mundo;
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cubiçoso, e sitibundo,
Que por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo:
Deixando tantas mãis, tantas esposas,
Sem filhos, sem marido, desditosas.

SONETOS

XV

Busque Amor novas artes, novo engenho
Para matar-me, e novas esquivanças;
Que não póde tirar-me as esperanças,
Pois mal me tirará o que eu não tenho.
Olhai de que esperanças me mantenho!
Vêde que perigosas seguranças!
Pois não temo contrastes nem mudanças,
Ando em bravo mar, perdido o lenho.
Mas com quanto não póde haver desgôsto
Onde esperança falta, lá me esconde
Amor hum mal, que mata e não se vê.
Que dias ha que na alma me tẽe posto
Hum não sei que, que nasce não sei onde;
Vem não sei como; e doe não sei porque.

XIX

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Ceo eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.
Se lá no assento Ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças de aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.
E se vires que póde merecer-te
Algũa cousa a dôr que me ficou
Da mágoa, sem remedio, de perder-te;
Roga a Deos que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a vêr-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

XXIV

Aquella triste e leda madrugada,
Cheia toda de mágoa e de piedade,
Em quanto houver no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada.
Ella só, quando amena a marchetada
Sahia, dando á terra claridade,
Vio apartar-se de huma outra vontade,
Que nunca poderá ver-se apartada;
Ella só vio as lagrimas em fio,
Que de huns e de ontros olhos derivadas,
Juntando-se, formárão largo rio;
Ella ouvio as palavras magoadas,
Que poderão tornar o fogo frio,
E dar descanço ás almas condemnadas.

XXIX

Sete annos de pastor Jacob servia
Labão, pae de Raquel, serrana bella:
Mas não servia ao pae, servia a ella,
Que a ella só por premío pertendia.
Os dias na esperança de hum só dia
Passava, contentando-se com vella;
Porém o pae, usando de coutella,
Em logar de Raquel lhe deo a Lia.
Vendo o triste Pastor que com enganos
Assi lhe era negada a sua Pastora,
Como se a não tivera merecida;
Começou a servir outros sete annos,
Dizendo: Mais servíra, senão fôra
Para tão longo amor tão curta a vida.

LXXXI

Amor he hum fogo que arde sem se ver;
He ferida que doe e não se sente;
He hum contentamento descontente;
He dôr que desatina sem doer;
He hum não querer mais que bem querer;
He solitario andar por entre a gente;
He hum não contentar-se de contente;
He cuidar que se ganha em se perder;
He hum estar-se prêso por vontade;
He servir a quem vence o vencedor;
He hum ter com quem nos mata lealdade.
Mas como causar póde o seu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a ti tão contrário o mesmo Amor?

CLXXX

Horas breves de meu contentamento.
Nunca me pareceo, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha
Em tão compridos annos de tormento.
As altas tôrres, que fundei no vento,
Levou, em fim, o vento que as sostinha:
Do mal, que me ficou, a culpa he minha,
Pois sôbre cousas vãas fiz fundamento.
Amor com brandas mostras apparece,
Tudo possivel faz, tudo assegura;
Mas logo no melhor desapparece.
Estranho mal! estranha desventura!
Por hum pequeno bem que desfallece,
Hum bem aventurar, que sempre dura!

CXCIII

Erros meus, má Fortuna, Amor ardente
Em minha perdição se conjurárão:
Os erros e a Fortuna sobejarão;
Que para mi bastava Amor sómente.
Tudo passei;; mas tenho tão presente
A grande dôr das cousas, que passárão,
Que ja as frequencias suas me ensinárão
A desejos deixar de ser contente.
Errei todo o discurso de meus anos;
Dei causa a que a Fortuna castigasse
As minhas mal fundadas esperanças.
De amor não vi senão breves enganos.
Oh quem tanto pudesse, que fartasse
Este meu duro Genio de vinganças!

CANÇÕES

CANÇÃO III

Ja a rôxa manhãa clara
As portas do Oriente vinha abrindo;
Os montes descobrindo
A negra escuridão da luz avara.
O sol, que nunca pára,
Da sua alegre vista saudoso,
Traz ella pressuroso
Nos cavallos cansados do trabalho,
Que respirão nas hervas fresco orvalho,
S'estende claro, alegre e luminoso.
Os passaros voando,
De raminho em raminho vão saltando;
E com suave e doce melodia
O claro dia estão manifestando.
A manhãa bella, amena,
Seu rosto descobrindo, a espessura
Se cobre de verdura
Clara, suave, angelica, serena.
Oh deleitosa pena!

Oh effeito d'Amor alto e potente!
Pois permitte e consente
Qu'ou donde quer qu'eu ande, ou dond'esteja,
O seraphico gesto sempre veja,
Por quem de viver triste sou contente.
Mas tu, Aurora pura,
De tanto bem dá graças á ventura,
Pois as foi pôr em ti tão excellentes,
Que representes tanta formosura.
 A luz suave e leda
A meus olhos me mostra por quem mouro,
Com os cabellos d'ouro,
Que nenhum ouro iguala, se os remeda.
Esta a luz he que arreda
A negra escuridão do sentimento
Ao doce pensamento;
Os orvalhos das flôres delicadas
São nos meus olhos lagrimas cansadas,
Qu'eu chóro co'o prazer de meu tormento;
Os passaros que cantão,
Meus espiritos são, que a voz levantão,
Manifestando o gesto peregrino
Com tão divino som, que o mundo espertão,
 Assi como acontece
A quem a chara vida está perdendo,
Qu'em quanto vai morrendo,
Alguma visão santa lh'apparece;
A mim em quem fallece
A vida, que sois vós, minha Senhora,
A est'alma, qu'em vós mora
(Em quanto da prisão s'está apartando)
Vos estais justamente apresentando

Em fórma de formosa e rôxa Aurora.
Oh ditosa partida!
Oh gloria soberana, alta e subida!
Se me não impedir o meu desejo;
Porque o que vejo, emfim, me torna a vida.
 Porém a natureza,
Que nesta pura vista se mantinha,
Me falta tão asinha,
Como o sol faltar soe á redondeza.
Se houverdes qu'he fraqueza
Morrer em tão penoso e triste estado,
Amor será culpado,
Ou vós, ond'elle vive tão isento,
Que causastes tão largo apartamento,
Porque perdesse a vida co'o cuidado.
Que se viver não posso,
Homem formado só de carne e osso,
Esta vida que perco, Amor ma deo;
Que não sou meu: se morro, o damno he vosso.
 Canção de cysne, feita em hora extrema,
Na dura pedra fria
Da memoria te deixo em companhia
Do letreiro da minha sepultura;
Que a sombra escura ja m'impede o dia.

CANÇÃO X

Junto d'hum sêcco, duro, esteril monte,
Inutil e despido, calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave vôa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome, do vulgo introduido,
He Feliz, por antiphrasi infelice;
O qual a natureza
Situou junto á parte,
Aonde hum braço d'alto mar reparte
A Abassia da Arabica aspereza,
Em que fundada ja foi Berenice,
Ficando à parte, donde
O sol, que nella ferve, se lh'esconde;
O cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do Austro vem correndo,
Limite faz, Arómata chamado:
Arómata outro tempo; que volvendo
A roda, a ruda lingua mal composta
Dos proprios outro nome lhe tẽe dado.
Aqui, no mar, que quer apressurado
Entrar por a garganta deste braço,
Me trouxe hum tempo e teve
Minha fera ventura.
Aqui nesta remota, áspera e dura
Parte do mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse hum breve espaço;
Porque ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.

Aqui me achei gastando huns tristes dias.
Tristes, forçados, máos e solitarios,
De trabalho, de dôr, e d'ira cheios:
Não tendo tãosómente por contrarios
A vida, o sol ardente, as águas frias,
Os ares grossos, férvidos e feios,
Mas os meus pensamentos, que são meios
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi;
Trazendo-me á memoria
Alguma ja passada e breve gloria,
Qu'eu ja no mundo vi, quando vivi;
Por me dobrar dos males a aspereza;
Por mostrar-me que havia
No mundo muitas horas d'alegria.
Aqui 'stive eu com estes pensamentos
Gastando tempo e vida; os quaes tão alto
Me subião nas azas, que cahia
(Oh vêde se seria leve o salto!)
De sonhados e vãos contentamentos
Em desesperação de ver hum dia.
O imaginar aqui se convertia
Em improvisos choros e em suspiros,
Que rompião os ares.
Aqui a alma captiva,
Chagada toda, estava em carne viva,
De dôres rodeada e de pezares,
Desamparada e descoberta aos tiros
Da soberba Fortuna;
Soberba, inexoravel e importuna.
Não tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança alguma, onde a cabeça

Hum pouco reclinasse, por descanso:
Tudo dôr lhe era e causa que padeça,
Mas que pereça não; porque passasse
O que quiz o destino nunca manso.
Oh qu'este irado mar gemendo amanso!
Estes ventos, da voz importunados,
Parece que se enfreião:
Sómente o Ceo severo,
As estrellas e o fado sempre fero,
Com meu perpétuo damno se recreião;
Mostrando-se potentes e indignados
Contra hum corpo terreno,
Bicho da terra vil e tão pequeno.
Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que algum'hora
Lembrava a huns claros olhos que já vi;
E s'esta triste voz, rompendo fóra,
As orelhas angelicas tocasse
Daquella em cuja vista já vivi;
A qual, tornando hum pouco sôbre si,
Revolvendo na mente pressurosa
Os tempos já passados
De meus doces errores,
De meus suaves males e furores,
Por ella padecidos e buscados,
E (pôsto que já tarde) piedosa,
Hum pouco lhe pezasse,
E lá entre si por dura se julgasse:
Isto só que soubesse me sería
Descanso para a vida que me fica;
Com isto affagaria o soffrimento.
Ah Senhora! Ah Senhora! E que tão rica

Estais, que cá tão longe d'alegria
Me sustentais com doce fingimento!
Logo que vos figura o pensamento,
Foge todo o trabalho e toda a pena.
Só com vossas lembranças
Me acho seguro e forte
Contra o rosto feroz da fera morte;
E logo se me juntão esperanças
Com que, a fronte tornada mais serena,
Torno os tormentos graves
Em saudades brandas e suaves,
Aqui com ellas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respirão
Da parte donde estais, por vós Senhora;
Ás aves qu'alli voão, se vos vírão,
Que fazieis, qu'estaveis praticando;
Onde, como, com quem, que dia e que hora,
Alli a vida cansada se melhora,
Toma espiritos novos, com que vença
A fortuna e trabalho,
Só por tornar a vêr-vos,
Só por ir a servir-vos e querer-vos,
Diz-me o tempo que a tudo dará talho:
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreo, sem tento
Me abre as chagas de novo ao soffrimento.
Assi vivo; e s'alguem te perguntasse,
Canção, porque não mouro;
Podes-lhe responder; que porque mouro.